

A VOZ INSTITUCIONALIZADA: O QUE DIZ A ESCOLA SOBRE A LEITURA NA VISÃO DOS PROFESSORES

Raquel Monteiro da Silva Freitas (UFPB)
Kelzinha_cades@hotmail.com

RESUMO:

A presente comunicação tem como objetivo analisar o que a escola, na visão dos professores, diz sobre a leitura e o que eles apresentam como atividades de leitura em sala de aula, com intuito de auxiliar o aluno na parte de interpretação dessas leituras. As discussões são advindas da disciplina da pós-graduação: *Seminários avançados em oralidade e escrita*, ministrado pela prof^a Dr^a Maria Claurênia Abreu, na Universidade Federal da Paraíba. Os textos que embasaram este artigo tratam sobre a oralidade, escrita e voz. (Zumthor, 2000). Para este autor “a voz humana constitui em toda cultura um fenômeno central” (ZUMTHOR, 2000, p. 13), pois é através dela que se pode conhecer, aprofundar-se na tradição, nos costumes de um povo ou comunidade. Pautaremos-nos também nos autores Mey (2001), Manguel (2008), Chartier (1999), Foucault (2011), Sousa (2009) que veem a leitura como prática social e institucionalizada, regulada pelas relações de poder. O *corpus* para execução desse trabalho monográfico *A influência do professor na formação do aluno leitor do texto literário*. Fizemos um recorte para análise desse trabalho. Esse *corpus* pertence, ainda, à Pesquisa intitulada “Práticas Escolares de Leitura” coordenada pela Prof^a. Dra Maria Ester Vieira de Sousa, na Universidade Federal da Paraíba, cujo objetivo é exatamente “resgatar, catalogar e analisar” essas vozes, essas práticas escolarizadas da leitura, os discursos e os dizeres. Os sujeitos da pesquisa são alunos e professores de escolas públicas e privadas da grande João Pessoa, na Paraíba. Em nosso ponto de vista, há muito que discutir sobre as leituras, as vozes que cercam e permeiam o âmbito escolar. A voz a qual iremos trazer neste trabalho se trata de uma voz de poder, regulamentada e institucionalizada, pois os discursos que circulam no âmbito escolar são e tendem sempre a ser “politicamente corretos”.

Palavras-chave: voz, leitura, professor.

Introdução

O presente trabalho pretende analisar, o que a escola, na visão dos professores, diz sobre a leitura. A discussão se embasará em textos que tratam sobre a oralidade, escrita e voz, os quais demonstram, como nos afirma Zumthor, o quanto “a voz humana constitui em toda cultura um fenômeno central”(ZUMTHOR, 2000, p. 13) pois é através dela que se pode conhecer, aprofundar-se na tradição, nos costumes de um povo ou comunidade.

Este trabalho deriva de um trabalho monográfico. Em nosso ponto de vista, há muito que discutir sobre as leituras, as vozes que cercam e permeiam o âmbito escolar. A voz a qual vamos trazer aqui se trata de uma voz de poder, regulamentada e institucionalizada, pois os discursos que circulam no âmbito escolar são e tendem sempre a ser “politicamente corretos”:

Parece que, num primeiro momento, pensamos sempre a leitura sob o signo do prazer, ou seja, a leitura está sempre associada a uma prática que deve ser desenvolvida sob o manto de uma positividade que

precisa ser reconhecida e assimilada pelo sujeito-leitor. Não basta ler, é preciso gostar de ler. Por isso, a preguiça, como um dos *pecados capitais*, não pode imiscuir-se nessa prática. Na verdade, a leitura associada ao ato de amor é um discurso recorrente. (SOUSA, 2010, p. 6)

O discurso que circula na sociedade de um modo geral, grosso modo, provém da escola, pois é lá onde se aprende a ler e escrever, ou seja, a escola é a voz autorizada da leitura. Segundo a perspectiva de Foucault (2011), o discurso dos indivíduos está sempre controlado e imbuído de resquícios do poder, e é por isso que “Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa”. (FOUCAULT, 2011, p. 9). No âmbito escolar não poderia ser diferente e é por isso que o discurso sobre a leitura na escola alcança um status extremamente positivo.

Como constituição de material de análise desse trabalho, utilizamos o *corpus* que pertence à Pesquisa intitulada “Práticas Escolares de Leitura” coordenada pela Prof^a. Dra Maria Ester Vieira de Sousa, na Universidade Federal da Paraíba, cujo objetivo é exatamente resgatar, catalogar e analisar essas vozes, essas práticas escolarizadas da leitura, os discursos e dizeres. Os sujeitos da pesquisa são alunos e professores de escolas públicas e privadas da grande João Pessoa. Esse projeto já existe há alguns anos, e, como aluna da graduação, na época, trabalhamos nele durante três vigências de pesquisa.

Assim, pretendemos dar voz ao professor: o que ele faz em sala de aula? Como ele trabalha com a literatura? Como isso tem auxiliado o aluno? Como aparato, utilizaremos autores que focam a voz, a linguagem, a leitura como Zumthor (1997, 2000), Mey ((2001), Manguel (2008), Chartier (1999), Foucault (2011), Sousa (2009). Leituras, em sua maioria, oferecidas e discutidas na disciplina Seminários avançados em Oralidades e Escrituras, no curso de pós-graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, ministrada pela prof. Dra Maria Claurênia Abreu de Andrade Silveira.

1. A voz da leitura

“Necessariamente, parece-me, a voz viva tem necessidade – uma necessidade vital – de revanche, de “tomar a palavra”, como se diz.” (ZUMTHOR, 2000, p. 19)

O ser humano desde os primórdios da História sente uma necessidade “cultural”, digo assim, não só de ser ouvido, mas de usar a voz, de “tomar a palavra” como afirma Zumthor (2000). Não apenas a voz, mas o corpo, os gestos, os modos, de modo geral, ele realiza performance: “que é uma conduta na qual o sujeito assume aberta e funcionalmente a responsabilidade.” (ZUMTHOR, 2000, p.37), cada vez que se coloca como sujeito e autor de sua história. Nesse sentido, concordando com Mey (2008), chamaremos de voz: “um discurso particular sempre incorporado (...), significando um personagem societal que representa alguma função e algum interesse dentro da comunidade.” (MEY, 2008, p.239), no nosso caso, esse personagem é o professor do ensino médio, é a voz de autoridade em sala de aula, pois é ele o responsável pelo intermédio da leitura (literatura) ao aluno.

No tocante à leitura, muito se têm discutido sobre esta e seus conceitos, seus espaços na sociedade. Aqui, no presente trabalho, destacamos a leitura no espaço

escolar, sua performance na voz do professor, pois, esta, mesmo institucionalizada, direcionada não deixa de ter seu espaço, seu modo de ser realizada. Assim como nos afirma Chartier (1999),

(...) a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, em espaços, em hábitos. Distante de uma fenomenologia que apaga qualquer modalidade concreta do ato de ler e o caracteriza por seus efeitos, postulados como universais (como também o trabalho de resposta ao texto que faz com que o assunto seja mais facilmente compreendido graças à mediação da interpretação). (CHARTIER, 1999. p. 13)

Segundo esse autor a leitura é realizada de diferentes modos, por comunidades de leitores, que a realizam de diversas maneiras, por exemplo, conforme ele aponta, mesmo em se tratando de alfabetizados, há diferenças nos modos de ler um texto, há os considerados mais hábeis, letrados, como há os que oralizam o que leem para poderem compreender melhor o texto, “a leitura não é somente uma operação abstrata de inteligência; é engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros.” (CHARTIER, 1999. p. 16). Isso nos traz um pouco da dimensão que possui a leitura que, mesmo, dentro da escola, traz resquícios, influências de fora do âmbito escolar, enfim, a leitura de um texto pode não ser a mesma para todos os alunos, dependendo dos modos, das leituras de mundo que ele possui. Ainda concordando com Sousa (2009), vemos que,

(...) a leitura compreendida como prática social se insere no espaço escolar como seu lugar instituído, regulamentado e naturalizado, mas, ao mesmo tempo, não pode deixar de refletir as práticas mais gerais de leitura que vinculam o leitor a outros espaços sociais. (SOUSA, 2009. p. 4)

Ainda sobre a questão da leitura, observando os efeitos primários desta, ou seja, no seu lugar institucionalizado: a escola, Mey (2001) lembra também que é necessário observar seus efeitos secundários, o que há por trás do ensino da leitura? Que voz ecoa fora da sala de aula? Para ele “o conhecimento sem compreensão não é de muita utilidade” (MEY, 2001, p.236), pois ao se trabalhar leitura é preciso estar atento em seus efeitos fora do âmbito escolar, já que a leitura não se resume ao espaço escolarizado, pelo contrário, está na “bagagem” que cada aluno traz de casa antes de entrar na escola.

2. Analisando as vozes dos professores

Para contextualizar um pouco mais nosso *corpus*, os professores entrevistados são de escolas públicas e privadas da grande João Pessoa, a pesquisa em questão estava voltada para o trabalho desses professores com os livros de literatura adotados para o vestibular da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), buscando ouvir o que os professores dizem sobre a leitura de um modo geral e como eles vêm trabalhando as obras com seus alunos, de modo que estes possam apreender da melhor maneira possível.

2.1 A voz do professor

É interessante, neste artigo, antes de observarmos como se dá o trabalho com a leitura ouvir o que os professores tem a dizer sobre ela, observar que concepções e valores agregam. Vejamos alguns depoimentos:

*Penso que a leitura é o eixo norteador por onde circulam as outras disciplinas. Através da leitura, adentrando nas várias áreas do conhecimento. Um ato (de ler) pode ser coletivo e solitário, mas nem por isso menos prazeroso. **A leitura nos da autonomia e liberdade para nos apropriarmos do conhecimento desejado.** (grifos nossos)(depoimento de um professor)*

***A leitura tem um papel fundamental na constituição do sujeito, na formação da sua subjetividade, da sua cidadania. Através da leitura o indivíduo toma consciência da sua humanidade, da trajetória realizada pelo homem ao longo da História, da imensa riqueza cultural construída e acumulada. A leitura é um ATO emancipador.** (grifos nossos) (depoimento de um professor)*

*A leitura é muito importante para todas as disciplinas, e até para a vida. **É importante para a formação do caráter, para a informação, para formar pessoas críticas e preparadas para a vida.** (grifos nossos) (depoimento de um professor)*

A voz que ecoa nesses depoimentos incumbe à leitura o valor máximo, dando a esta a excelência sobre os demais conteúdos. Em Silva (2010) vemos que os professores atribuem à leitura, muitas vezes, valores que esta não tem, eles não apresentam o que Sousa (2009) chama de “objeto da leitura”, ou seja,

Do ponto de vista da instituição Escola, a leitura está na base de todo processo de ensino e de aprendizagem. De outro lado, é preciso verificar que nenhum desses enunciados explicita o objeto da leitura. Em outras palavras, a positividade absoluta presente em enunciados do tipo “A leitura é um ATO emancipador” ou de “A leitura engrandece a alma” dispensa e, ao mesmo tempo, camufla o objeto da leitura, aquilo que se lê. Nesse sentido, cabe a pergunta: A leitura de todo e qualquer texto engrandece a alma? A leitura de todo e qualquer texto emancipa o sujeito? (SOUSA, 2009, p.2268)

Assim, podemos afirmar que a leitura, na voz dos professores, é conceituada como algo supremo e que os alunos, por sua vez, devem chegar ao nível de leitor desejado por eles, um leitor do cânone literário. Parece óbvio que esse discurso circule no âmbito escolar, afinal o discurso desses sujeitos, ideologicamente marcados, não poderia ser outro. Espera-se do lugar onde se insere o sujeito professor, formador de leitores que este atribua valores positivos em relação à leitura.

2.2 O professor como intérprete

Sabemos que quando se trata de leitura na escola, o maior responsável por esta é – ou deveria ser – o professor. É ele quem conduz, mostra o caminho da leitura, e em especial o da literatura. Percebemos que muitas vezes cabe ao professor a função de interprete, já que este está voltado para a apresentação da obra literária ao aluno.

Por tanto, antes de partirmos para os dados, vejamos como Zumthor conceitua o interprete: “O intérprete é o indivíduo que se percebe, na performance, a voz e o gesto

pelo ouvido e pela vista.” (ZUMTHOR, 1997, p. 225), ou , ainda, enquadrando a figura do professor “O intérprete pode ser um profissional pertencente a um grupo estável, **institucionalizado**, ligado ao poder e detentor de privilégios.” (ZUMTHOR, 1997, p. 226. Embora Zumthor não esteja falando, neste momento, da figura do professor, nós a consideramos, pois acreditamos que o professor pertencente a um grupo estável e institucionalizado, e ligado ao poder, pois ele tem o poder de formar leitores, sendo sua voz, a de mais autoridade em sala de aula, hierarquicamente.

Interessante observarmos que destaque em Silva (2010) a importância da influência do professor na formação do aluno-leitor. Aqui, aprofundando um pouco essa discussão, diremos que a **performance** do professor diante do aluno poderá fazer com que este se interesse ou não pela leitura, já que o discente também se torna autor “Poderíamos, sem paradoxo, distinguir assim, na pessoa do ouvinte, dois papéis: o de receptor e o de co-autor.” (ZUMTHOR, 1997, p. 242). Diferentemente de algumas discussões sobre o aluno-leitor, aqui, este não é considerado mero receptor, estando passivo às leituras e interpretações que o professor traz em sala de aula, ele é também “co-autor”, podendo, por essa razão, dar “sentidos” ao texto e não apenas uma única interpretação, como geralmente esperado. Vejamos um trecho do que um dos professores entrevistados apresenta quanto às leituras trabalhadas em sala de aula:

Se você deixa eles livres pra fazer as leituras, (...) eles se predispõe a ler e claro a gente sabe que não é a grande maioria, mas leituras que desmistificam muitas idéias hum...a espessura dos livros num é? “Lua nova”, “Crepúsculo”, “Eclipse” eles estão lendo demais, aí você diz assim: ah mas é uma leitura que num... é interessante, é! É uma leitura que o vocabulário eleva, o nível de/de compreensão de certa forma, o aluno começa a refletir começa a pensar né? “Marley e eu” que mais... os clássicos da literatura num é? Jô Soares ta sendo muito lido pelos meninos, surpreende de vez em quando, entre esses livros aparece o clássico Graciliano Ramos, o próprio Machado de Assis no 1º ano. Então quando a idéia vem de cima pra baixo ela é mais complicada, eu sempre to trazendo uma inovação porque eu sempre começava com os livros indicados pela Universidade Federal e aí esse ano a gente começou perguntando o que eles gostariam de ler, o que eles estão lendo e aí a gente teve um resultado bem maior, por que a gente não começou de cima pra baixo mas de baixo pra cima, nessa hierarquia. (depoimento de um professor)

Observemos que a postura, o modo como o professor trouxe a leitura para a sala de aula mudou todo um comportamento do aluno que NÃO lia o cânone para um leitor mais aproximado. A voz que ecoa no depoimento desse sujeito é de que a leitura adequada seja a dos clássicos, do cânone literário, no entanto, o professor reconhece que os alunos leem outros textos, que apesar de não serem obras consideradas importantes em relação à literatura, mas leem textos atuais, os *Best Sellers*, por exemplo. Segundo Silva (2010):

(...) o professor consegue fazer um trabalho que estimule o aluno à leitura. Para ele, não importa o que o aluno começa lendo, o importante é que está havendo leitura. Depois, então, é que ele vai conduzindo, influenciando de modo que o aluno consiga chegar à leitura dos clássicos. O aluno começa lendo aquilo que lhe atrai e depois vai “tomando gosto” e lendo também autores considerados difíceis por ele mesmo. (p.20)

Consideramos o intérprete, nesse caso, como mediador que traz até o aluno as obras da literatura, assim como o intérprete de canções, que mesmo não sendo o autor, Zumthor comenta que muitas vezes isso acontece. “(...) o público adota para o intérprete o mesmo comportamento que adota para o autor: a lembrança e o título de uma canção se prendem ao nome de um de seus cantores que a propagam, a ponto de parecer como coisa sua.” (ZUMTHOR, 1997, p. 225), alguns alunos jamais se esquecem de um livro pelo modo como o professor trabalhou em sala de aula.

É importante destacarmos que o significativo para uma boa formação leitora não está no fato de o discente ler isto ou aquilo. Segundo Sousa (2008), o aluno vai caminhando entre o prazer e a obrigação, há textos em que ele sente prazer de ler, outros não, como em muitas atividades da vida cotidiana. É claro que ele vai adquirindo o hábito da leitura com o tempo, mas o foco aqui é exatamente a influência que o professor pode e deve exercer. Embora, muitas vezes, se torne maçante ao professor forçar o aluno a ler tal obra literária, salientamos que, em alguns casos, é necessário, no entanto, é através de atividades de leitura em geral que haverá esse despertar por parte do aluno. Em relação a este trabalho com a leitura, Sousa (2010) destaca que muitas vezes:

Explorar o contexto, esmiuçar o texto, ver o vocabulário, ler trechos da obra, mostrar a linguagem, falar sobre a vida do autor, fazer um resumo do conteúdo da obra, levar textos que falam sobre (leram) a obra; fazer uma peça, ver um filme são várias das estratégias apresentadas pelos professores para aproximar os alunos dos textos literários. E muitas vezes, *surte um pouco de efeito*. Muitas vezes o professor tem que *pegar o caminho inverso*, recorrendo a outras linguagens mais próximas dos alunos. (SOUSA, 2010, p.9)

É interessante destacar de acordo com o que afirma Sousa que um trabalho como esse exige que o professor quebre algumas tradições já comuns no ensino da leitura. No caso acima, vemos que o professor teve de abrir mão do método tradicional, o cronológico, através de escolas em detrimento do método contrário, ou seja, de começar daquilo que os alunos leem para o que eles ainda não leem, do que eles gostam (o que leem) para o que eles aparentemente não gostavam (textos clássicos). É válido e necessário também escutar o que dizem os alunos. Observamos que o professor afirma no trecho destacado que, a princípio, começou perguntando o que o aluno gostaria de ler e deixou que ele começasse pelos textos que já vinha lendo e depois foi introduzindo os textos clássicos que estavam indicados para o vestibular. O próprio professor afirmou que obteve resultados bem mais positivos do que a maneira como antes conduzia a leitura em sala. Significa que ele os influenciou de modo positivo, conduziu-os ao universo da leitura.

AS OCNEM (2006) destacam a importância do professor “precisar os conteúdos a serem transformados em objetos de ensino” e foi exatamente o que esse professor fez, buscando formas de conduzir o aluno à leitura de forma que ele a fizesse de modo prazeroso. Essas Orientações ainda recomendam:

[...] por meio das atividades de compreensão e produção de textos, o sujeito desenvolve uma relação íntima com a leitura – escrita –, fala de si mesmo e do mundo que o rodeia, o que viabiliza nova significação para seus processos subjetivos. (OCNEM, 2006, p. 24)

A essas atividades de compreensão, relação íntima com a leitura que viabiliza “nova significação” incumbe-se o professor, pois esta voz, dentro de sala de aula, possui poder e pode influenciar o aluno-leitor a desenvolver cada vez mais o hábito da leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas vozes circulam na sociedade, no âmbito escolar. O aluno, a figura do diretor, inspetor, têm muito a dizer, pois são “vozes da sociedade”, que muito trazem em seus discursos.

Trouxemos aqui uma amostra de como a voz também conduz, forma, influencia na formação do aluno-leitor. Os professores como intérpretes da leitura, literatura devem entender que o “ouvinte” não é passivo, mas sim co-autor, pois também participa da performance, no momento em que o professor trabalha o texto em sala de aula.

As vozes escolares devem ser ouvidas, pois configuram parte de um processo histórico da leitura, como afirma Manguel (2008):

As histórias são nossa memória, as bibliotecas são os depósitos dessa memória, e a leitura é o ofício por meio do qual podemos recriar essa memória, recitando-a, glosando-a, traduzindo-a para a nossa experiência. (MANGUEL, 2008, p. 19)

Assim, a leitura possui várias vozes, no entanto, nós trouxemos aqui a voz institucionalizada, aquela de autoridade, pois, novamente citando, Zumthor “a voz viva tem necessidade – necessidade vital – de tomar a palavra.” para que se perpetue na história a memória não só de uma leitura, mas de leituras, estas na voz humana, que se “constitui um fenômeno central”.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora universitária, 1999.

MANGUEL, Alberto. **A cidade das palavras: As histórias que contamos para saber quem somos**. Trad. Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MEY, Jacob. **As vozes da sociedade: seminários de pragmática**. Trad. Ana Cristina de Aguiar. Campinas: Mercado das letras, 2001.

SOUSA. Desnaturalizando os discursos sobre a leitura. **Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN**. João Pessoa: Idéia, 2009.

SILVA, Raquel Monteiro. **A influência do professor na formação do aluno leitor do texto literário**./ Monografia - João Pessoa, 2010.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000.

_____. **Introdução à poesia oral.** Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat, Maria Inês de Almeida. São Paulo: HUCITEC, 1997.